(W =Woman; M =Man)

W: Excuse me, is it OK if I sit here?

M: Sure, go ahead.

W: Thanks.... Sorry, but you're American, aren't you?

M: Yes. How did you know?

W: Oh, I heard your accent. ... It isn't very busy here today, is it?

M: No, it isn't.

W: Are you on vacation?

M: No, I'm working here for a few months.

W: Oh, really? So am I. What do you do?

M: I work for the American Central Bank.

W: Oh. And do you like it here?

M: Yeah, I love it. But I can't stand the weather. It was so hot yesterday, wasn't it?

W: Oh yeah, you're right: the heat's terrible. But, you know, I love it here, too.

M: How long have you been here?

W: Oh, not long - a few weeks. How about you?

M: The same. What are you doing here?

W: I'm an artist, and I was asked to bring over some of my work to a small gallery just near here. I just had my first exhibition there.

M: Wow - that's impressive.

W: Thanks. So where are you from?

M: I'm from New York, Brooklyn actually.

W: Really? So am I! Don't tell me you went to Brooklyn High School?

M: Yes, I did, but I wasn't a very good student.

W: Me either. What year did you graduate?

M: 1989.

W: That's weird - me, too. Do you remember Ms. Rivera?

M: The math teacher? Yeah. She was really awful, wasn't she?

W: She's my mom.

M: Oh.... Gee, I'm sorry .... I didn't mean to ...

*W: Com licença, tudo bem se eu sentar aqui?*

*M: Claro, vá em frente.*

*W: Obrigada ... Desculpe, mas você é americano, não é?*

*M: Sim. Como você sabia?*

*W: Oh, eu ouvi seu sotaque. ... Não está muito movimentado aqui hoje, não é?*

*M: Não, não está.*

*W: Você está de férias?*

*M: Não, estou trabalhando aqui alguns meses.*

*W: Oh, é mesmo? Eu também. O que você faz?*

*M: Eu trabalho para o Banco Central Americano.*

*W: Oh. E você gosta daqui?*

*M: Sim, adoro. Mas eu não suporto o tempo. Estava tão quente ontem, não estava?*

*W: Oh sim, você está certo: o calor é terrível. Mas, você sabe, eu amo isso aqui.*

*M: Há quanto tempo você está aqui?*

*W: Oh, não muito - algumas semanas. E quanto a você?*

*M: O mesmo. O que você está fazendo aqui?*

*W: Eu sou um artista e me pediram para trazer alguns dos meus trabalhos para uma pequena galeria perto daqui. Acabei de fazer minha primeira exposição lá.*

*M: Uau - isso é impressionante.*

*W: Obrigada. Então, de onde você é?*

*M: Eu sou de Nova York, Brooklyn, na verdade.*

*W: Sério? Eu também sou! Não me diga que você estudou no Brooklyn High School?*

*M: Sim, eu estudei, mas não era um aluno muito bom.*

*W: Eu também não. Em que ano você se formou?*

*M: 1989.*

*W: Isso é estranho - eu também. Você se lembra da Sra. Rivera?*

*M: A professora de matemática? Sim. Ela era realmente horrível, não era?*

*W: Ela é minha mãe.*

*M: Oh .... Puxa, me desculpe .... Eu não queria ...*

My dad is the most ritualistic person I know, and many of his rituals involve his car. We've never kept domestic animals in our house, but my father's car is as close as you'll get to the family pet. In fact, the car probably gets better treatment and more affection than a pet would.

Each night, the car is tucked up in its garage under a cozy blanket. Nobody,­ but nobody - is allowed in the garage in case they accidentally brush against "the precious one," causing who knows what damage. When we were children, on the rare occasions when my dad would get the car out of the garage (for births, deaths, marriages, and national disasters - and then only if the buses weren't running), we would have to wear plastic bags on our feet in case we had a sudden urge to vandalize the seats with our shoes.

We would never be allowed to shut the car doors ourselves ... in case we slammed them too hard, I guess. I mean, three-, five-, and seven-year-old girls can do untold damage to a car by slamming the door shut. Nowadays, we don't have to wear plastic bags on our feet, but the "Starting the car and setting off" ritual has never changed.

He'll start the engine and then sit there for at least five minutes with the engine on. As repulsive fumes pump out into the fresh country air, he'll take out his pipe, and start tapping out his last smoke. Then he'll take a pinch of tobacco, stuff it in the bowl and spend a minute or two patting it down. Next, he’ll get out his box of matches and give it a shake. He always gives his matchbox a shake.

The pipe won't light on the first try - he'll try several times, and finally, when the tobacco takes, he'll puff and puff until the car is full of smoke. With visibility dangerously reduced and a car full of choking passengers, he'll take the handbrake off and reverse out of the driveway at breakneck speed. It isn't pleasant being a passenger, but we've always let him get away with this strange behavior because he's the boss.

None of us would dare to complain. My father used to be a pilot in the US Air Force, and I often wonder whether he would indulge in this kind of ritual before take-off and whether his crew would let him get away with it because he was the boss. Probably.

*Meu pai é a pessoa mais ritualística que conheço, e muitos de seus rituais envolvem seu carro. Nunca mantivemos animais domésticos em nossa casa, mas o carro do meu pai é o mais próximo que você vai conseguir do animal de um estimação da família. Na verdade, o carro provavelmente recebe um tratamento melhor e mais carinho do que um animal de estimação.*

*Todas as noites, o carro é enfiado na garagem sob um cobertor aconchegante. Ninguém, ¬ mas ninguém - pode entrar na garagem para o caso de acidentalmente esbarrar no "precioso", causando sabe-se lá que danos. Quando éramos crianças, nas raras ocasiões em que meu pai tirava o carro da garagem (para nascimentos, mortes, casamentos e desastres nacionais - e apenas se os ônibus não estivessem funcionando), tínhamos que usar sacolas plásticas nos pés, caso tivéssemos uma vontade repentina de vandalizar os assentos com nossos sapatos.*

*Nunca podíamos fechar as portas do carro nós mesmas ... no caso de batê-las com muita força, eu acho. Quero dizer, meninas de três, cinco e sete anos podem causar danos incalculáveis ​​a um carro batendo a porta. Hoje em dia, não precisamos mais usar sacolas plásticas nos pés, mas o ritual de "ligar o carro e partir" nunca mudou.*

*Ele liga o motor e fica sentado ali por pelo menos cinco minutos com o motor ligado. Enquanto as fumaças repulsivas escapam para o ar fresco do campo, ele pega seu cachimbo e começa a fumar sua última tragada. Então ele pega uma pitada de tabaco, enfia na tigela e passa um ou dois minutos apalpando. Em seguida, ele pega sua caixa de fósforos e a sacode. Ele sempre dá uma sacudida em sua caixa de fósforos.*

*O cachimbo não acende na primeira tentativa - ele tenta várias vezes e, por fim, quando o fumo pega, ele sopra e fuma até o carro ficar cheio de fumaça. Com a visibilidade perigosamente reduzida e um carro cheio de passageiros sufocados, ele desarma o freio de mão e da ré para sair da garagem em velocidade vertiginosa. Não é agradável ser passageiro, mas sempre o deixamos se safar com esse comportamento estranho porque ele é o chefe.*

*Nenhum de nós ousaria reclamar. Meu pai era piloto da Força Aérea dos Estados Unidos e muitas vezes me pergunto se ele se entregaria a esse tipo de ritual antes da decolagem e se sua tripulação o deixaria escapar impune porque ele era o chefe. Provavelmente.*